

Interface entre psicanálise e neurociência: uma revisão sistemática da literatura brasileira

Joana D'arc Santana Caus e Eraldo
Carlos Batista

Joana D'arc Santana Caus

Instituição de Pós-Graduação – Goiânia, GO, Brasil.

E-mail: joanadarc.psicologia@gmail.com

ORCID: 0000-0003-3810-3585

Eraldo Carlos Batista

Faculdade Católica de Rondônia – Porto Velho,
RO, Brasil.

E-mail: eraldo.cb@hotmail.com

ORCID: 0000-0002-7118-5888

Resumo: O objetivo deste trabalho foi realizar algumas considerações acerca das produções científicas publicadas nos últimos anos sobre a possibilidade de diálogo entre o método psicanalítico e a neurociência, sobretudo a utilização da psicanálise nas avaliações neuropsicológicas. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de revisão sistemática nas seguintes bases de dados: Lillacs, Medline e SciELO, das publicações do período de janeiro de 2014 a dezembro de 2018, utilizando os seguintes descritores: psicanálise or avaliação neuropsicológica or testes projetivos and psicanálise or neuropsicologia. Nove estudos foram considerados relevantes para responder ao objetivo da revisão. Os estudos mostraram que o debate sobre a aproximação desses dois campos ainda está em construção. Além disso, os resultados parecem apontar para um interesse maior de estudiosos do campo da psicanálise quando comparado ao de neurocientistas. Conclui-se que a aproximação entre psicanálise e neurociência resulte em um entendimento e no tratamento das patologias de origem psíquica e/ou neurológica.

Palavras-chave: Psicanálise, Neurociências, Avaliação neuropsicológica.

The interface between psychoanalysis and neuroscience: a systematic review of Brazilian literature

Abstract: The aim of this paper was to make some considerations about the scientific productions published over the last few years on the possibility of dialogue between the psychoanalytical method and neuroscience, especially the use of psychoanalysis in neuropsychological evaluations. This is a systematic review bibliographic research in the following databases: Lillacs, Medline and SciELO, encompassing publications from January 2014 to December 2018, using the following descriptors: psychoanalysis or neuropsychological assessment or projective tests and psychoanalysis or neuropsychology. Nine studies were considered relevant to answer the objective of the review. The studies have shown that the debate on bringing these two fields close together is still under construction. Moreover, the results seem to point to greater interest of scholars in the field of psychoanalysis compared to neuroscientists. It is concluded that the bringing together of psychoanalysis and neuroscience results in an understanding and treatment of pathologies of psychic and/or neurological origin.

Keywords: Psychoanalysis; Neuroscience; Neuropsychological assessment.

Interfaz entre psicoanálisis y neurociencia: una revisión sistemática de la literatura brasileña

Resumen: El objetivo de este trabajo fue hacer algunas consideraciones sobre las producciones científicas publicadas en los últimos años sobre la posibilidad de diálogo entre el método psicoanalítico y la neurociencia, especialmente el uso del psicoanálisis en evaluaciones neuropsicológicas. Se trata de una revisión sistemática de la investigación bibliográfica en las siguientes bases de datos: Lillacs, Medline y SciELO, de publicaciones de enero de 2014 a diciembre de 2018, utilizando los siguientes descriptors: psicoanálisis o evaluación neuropsicológica o pruebas proyectivas Y psicoanálisis o neuropsicología. Nueve estudios se consideraron relevantes para responder al objetivo de la revisión. Los estudios han demostrado que el debate sobre el enfoque de estos dos campos aún está en construcción. Además, los resultados parecen apuntar a un mayor interés de los académicos en el campo del psicoanálisis en comparación con el de los neurocientíficos. Se concluye que la aproximación entre psicoanálisis y neurociencia da como resultado la comprensión y el tratamiento de patologías de origen psíquico y/o neurológico.

Palabras clave: Psicoanálisis; Neurociencias; Evaluación neuropsicológica.

Introdução

A avaliação e o diagnóstico, bem como o tratamento de pacientes com lesão cerebral se concentram, basicamente, nas clínicas neurológicas e neuropsicológicas. No entanto, a redução desse atendimento somente aos aspectos relacionados à lesão exclui outros aspectos importantes, como as experiências subjetivas do paciente, as quais estão profundamente interligadas aos aspectos das perdas cerebrais, motoras e cognitivas. Nesse sentido, o atendimento psicanalítico privilegia a relação do sujeito com sua doença e todas as suas consequências, sem negligenciar os aspectos fisiológicos e cognitivos existentes, embora a prática clínica de abordagem psicanalítica de pacientes com lesão cerebral ainda seja bastante marginal (Winograd; Sollero-de-Campos; Drummond, 2008).

Nessa direção, vale lembrar que a psicanálise, como um campo clínico e de investigação teórica da psique humana, independente da psicologia, foi a precursora das psicoterapias e introduziu conceitos que já fazem parte da cultura. Isso se deve ao fato de que a psicoterapia psicanalítica, entre outros benefícios, promove maior consciência das origens dos problemas psíquicos. Ou seja, a psicanálise, na sua essência, pode ser considerada uma teoria da personalidade e um procedimento de psicoterapia.

Por outro lado, outras abordagens de psicoterapia, sobretudo as mais recentes, aderiram ao modelo biomédico científico e, por isso, têm evoluído e conquistado cada vez mais espaço. Entre estas, destaca-se a neuropsicologia. Situada na interface da psicologia e da neurologia, a neuropsicologia estuda as relações entre o cérebro e o comportamento humano e se dedica a investigar como diferentes lesões causam déficits em diversas áreas da cognição humana. Ou seja, a neuropsicologia tem como foco o estudo das funções mentais superiores, deixando à margem conceitos temáticos como agressividade e sexualidade.

Nesse sentido, este estudo ganha relevância ao fomentar o debate da prática de outra abordagem – nesse caso, a psicanálise – no processo de avaliação e tratamento de pacientes com lesão cerebral. Para tanto, investigar a produção científica brasileira sobre psicoterapias psicanalíticas no tratamento neuropsicológico contribui para a ampliação de outras possibilidades de atendimento nessa área, que venham a complementar o avanço nas psicoterapias de modelos exclusivamente biomédicos/científicos. Assim, a pergunta que norteia este estudo teve como ponto de partida a seguinte indagação: como está sendo desenvolvido o diálogo entre o método psicanalítico e as neurociências? Como os autores brasileiros estão discutindo tal possibilidade de interface entre esses dois campos da ciência? Para responder a tais questionamentos, teve-se como objetivo fazer um levantamento das produções científicas nacionais dos últimos 10 anos sobre o uso do método psicanalítico no processo de avaliação e tratamento de pacientes com lesões cerebrais.

O presente artigo foi organizado da seguinte forma: primeiramente, introduziram-se os aspectos comparativos entre psicanálise e neurociência e a construção do método projetivo da psicanálise como instrumento utilizado no neuropsicodiagnóstico. Em seguida, apresentou-se a metodologia do estudo, ou seja, os caminhos percorridos no levantamento da amostra dos artigos e os procedimentos de análise. Por fim, apresentaram-se a discussão, as considerações finais e as referências.

Psicanálise e neurociência: diferenças e complementaridades

Nesta seção, pretendeu-se fazer uma breve apresentação dos debates em torno da aproximação e do distanciamento entre a psicanálise e as neurociências, sobretudo a neuropsicologia. Como mencionado, trata-se apenas de uma tentativa, uma vez que esse debate, além de acirrado, não se esgotaria apenas em um pequeno ensaio.

De acordo com Davidovich e Winograd (2010), nas últimas décadas, iniciou-se um movimento que busca integrar o conhecimento produzido pelas diferentes áreas das neurociências com aquele específico da psicanálise. Diversos grupos do campo psicanalítico têm se dedicado a debater a possível interlocução entre esses dois campos, sobretudo na área clínica, mediante os processos envolvidos na intervenção psicoterapêutica. Em conformidade com os autores supracitados, os estudiosos que se debruçaram à compreensão dessa aproximação entre os dois campos, a saber, psicanálise e neurociências, basicamente, formularam três entendimentos distintos.

Pesquisadores, como Benilton Ferreira Júnior, Monah Winograd, Flávia Sollero-de-Campos e Victor Manoel Andrade, entre outros, caracterizados como grupo da interlocução, acreditam que não se trata nem da produção de um campo híbrido nem da impossibilidade de dialogar, mas de interdisciplinaridade entre os campos, na qual as especificidades epistemológicas e metodológicas de cada campo são mantidas. Para outro grupo, cuja denominação é grupo isolamento, aqui representado por Sonia Alberti e Amélia Imbriano, não há condições epistemológicas para nenhum tipo de diálogo – o que resulta na impossibilidade tanto de uma integração quanto de qualquer outro tipo de contato entre os saberes em jogo. E, por último, o grupo de pesquisadores, entres estes se encontram Robert Clyman, Daniel Stern e Yasaku Soussumi, denominado grupo de hibridação. Para esse grupo, o fato de a psicanálise não ter evoluído cientificamente no desenvolvimento de métodos empíricos objetivos fez com que se tornasse obsoleta. Para esse grupo, a psicanálise deveria importar o modelo de ciência adotado nas ciências físicas e naturais para se tornar científica. Além disso, as neurociências poderiam fornecer à psicanálise fundamentos empíricos e conceituais mais sólidos sobre o funcionamento psíquico (Davidovich; Winograd, 2010).

Por outro lado, os defensores da aproximação entre psicanálise e neurociência invocam a afinidade demonstrada por Freud com outros campos de conhecimento, como a neurologia, a neuroanatomia e a biologia, que atualmente se abrigam no domínio crescente da neurociência. Ou seja, em suas elaborações intelectuais, Freud não só dialogava com a ciência médica de sua época, em especial com os representantes da fisiologia alemã, mas também com outros do conhecimento. Freud sempre articulava o raciocínio às atividades dos mais diferentes campos culturais então existentes e, por ter uma boa erudição, dialogava com diferentes campos do conhecimento (Faveret, 2006).

Corroborando o enunciado, vale ressaltar, como afirmam Torezan e Aguiar (2011), que a psicanálise surge no seio da modernidade, momento em que o discurso da ciência substitui o discurso teológico, e a noção de subjetividade passa a ser dominada pela razão, portanto, conduzida pela consciência. Tais aspectos caracterizavam uma subjetividade unificada e governada pela consciência e reduziam o conceito de inconsciente a um estado de caráter temporário e adjetivado, uma espécie de

adendo desconhecido da consciência. Para aqueles autores, Freud realizou o abalo do estatuto de soberania do eu, da consciência e da razão com uma nova concepção sobre o inconsciente. Com essa concepção freudiana, o sujeito se torna cindido em duas formas de funcionamento, a consciente e a inconsciente, e subjugado à primazia desta última (Torezan; Aguiar, 2011).

No que se refere à compreensão da contribuição da psicanálise no campo das neurociências, faz-se necessário, em primeiro lugar, conhecer a metodologia utilizada nesse campo, como salientam Winograd, Sollero-de-Campos e Drummond (2008). Para o psicanalista, não se trata de classificar, buscar causalidades ou mesmo descrever uma personalidade pré-traumática, nem de descrever as incidências psicológicas das lesões cerebrais graves com danos cognitivos, nem de criar uma clínica específica ligada ao fato dano cognitivo, o que apagaria a história individual e fantasmática de cada um. Trata-se de compreender, no quadro de uma relação psicoterapêutica e transferencial, a experiência psíquica que os pacientes neurológicos, e os que os cercam, atravessam. Além disso, trata-se de descrever os modos de organização dos fenômenos psíquicos e dos conjuntos significativos conscientes e inconscientes, intra e intersubjetivos, desses pacientes. A psicanálise permite compreender o sofrimento psíquico desses pacientes e dos que os cercam, guiando um trabalho psicoterapêutico e oferecendo-lhes um modo de compreensão não exclusivo (Winograd; Sollero-de-Campos; Drummond, 2008).

Diante do que foi exposto, alguns autores chegam a afirmar as vantagens da psicanálise em relação a outras abordagens das neurociências. Kaplan-Solms e Solms (2005), pesquisadores renomados da área denominada neuropsicanálise, defendem que a psicanálise é o melhor método disponível quando se chega àqueles aspectos mais profundos da vida mental que a neuropsicologia não estudou. Por outro lado, outros autores afirmam que se deve o desenvolvimento de um procedimento clínico como o método psicanalítico ao fato de Freud ter abandonado outros métodos científicos de investigação quando se deu conta de que eles eram incapazes de acomodar a natureza dinâmica e virtual dos processos mentais. Para esses pesquisadores, agora chegou a hora de reintroduzir os frutos dos trabalhos de Freud no campo neurocientífico, ou seja, reunir a psicanálise com a neurociência, numa base clínica sólida (Kaplan-Solms; Solms, 2005).

No entanto, uma concepção bastante convincente refere-se a esclarecer os limites de cada campo. Como defendem Davidovich e Winograd (2010), embora o diálogo entre psicanálise e neurociência possa enriquecer o conhecimento sobre o psiquismo humano em seus diversos aspectos, ele só se torna verdadeiramente fértil se cada disciplina mantiver o entendimento dos limites e das limitações de seu campo de ação e de reflexão.

Na próxima seção, discutem-se as ferramentas utilizadas pela psicanálise no processo de avaliação e tratamento no campo da neuropsicologia. Assim, buscou-se debater, mesmo que sucintamente, sobre o uso dos testes projetivos.

A psicanálise e o desenvolvimento dos métodos projetivos

O termo projeção tem sua origem associada aos estudos relacionados aos aspectos neurofisiológicos; no entanto, no que se refere às teorias psicológicas, a psicanálise se propôs a explicitar

a manifestação da projeção, ampliando o sentido e a definição desse conceito. Nesse sentido, o conceito de projeção possibilitou o arcabouço teórico para o surgimento dos testes e técnicas projetivas, instrumentos que se tornaram essenciais para uma compreensão mais dinâmica e integrada da personalidade humana (Fonsêca; Mariano, 2008). Embora os métodos projetivos sejam utilizados desde o início do século XX, muitas vezes são vistos com suspeita por psicólogos que procuram maior segurança nos procedimentos dos testes objetivos.

Historicamente, os métodos projetivos foram assim designados por Lawrence Frank. Seu artigo examinava uma ampla variedade de materiais e de técnicas, utilizados como meios de acesso às vivências internas, aos conflitos e aos desejos do sujeito. Frank achava que as técnicas projetivas ofereciam acesso ao mundo dos sentidos, significados, padrões e sentimentos, revelando aquilo que o sujeito não pode ou não quer dizer, frequentemente por não se conhecer bem. Tais métodos, segundo o autor, podiam apreender aspectos latentes ou encobertos da personalidade, por serem inconscientes (Pinto, 2014). O termo técnica projetiva, ou teste projetivo, foi usado pela primeira vez por Lawrence Frank, o qual utilizou o termo projetivo para explicar a relação de parentesco existente entre o Teste de Associação de Palavras de Jung, de 1904, o Teste de Manchas de Tintas de Rorschach, de 1920, o Teste do Desenho, de 1923, e o Teste de Apercepção Temática (TAT) de Murray, de 1935: “Em sua essência, uma técnica projetiva é um método de estudo da personalidade que confronta o sujeito com uma situação à qual responderá segundo o sentido que esta situação tenha para ele e segundo o que ele é, segundo o que ele sentia no decorrer da resposta” (Frank, 1939, p. 401).

Em concordância com o que foi afirmado, Formiga e Mello (2000) acrescentam que Frank aborda nesses testes uma dinâmica holística da personalidade, uma estrutura evolutiva na qual os elementos interagem entre si, e a pessoa expressa, em uma atividade construtiva e interpretativa, a fantasia interior. À medida que os estímulos, pouco ou nada estruturados, são apresentados diante do sujeito, sua resposta é sempre projetiva, reveladora de sua maneira particular de ver a situação, de sentir e interpretar. De outra forma, os testes projetivos provocam uma valorização do simbólico, concedendo ao indivíduo e à realidade imediata um caráter de ausência, mas integrando essa realidade dentro do indivíduo. Esses mesmos autores realçam que foi Freud um dos primeiros a trabalhar com essa elaboração simbólica, por meio da associação livre, em 1895, e da interpretação dos sonhos, em 1899, formando, assim, um sistema interpretativo (Formiga; Mello, 2000).

Dessa maneira, Souza (2011) observa que a psicanálise exerceu forte influência no desenvolvimento e na construção dos métodos projetivos e na compreensão do processo psicodiagnóstico. No entanto, o autor ressalva que o ensino na área das técnicas projetivas está centrado, muitas vezes, na aprendizagem das pautas de interpretação dos instrumentos, correndo o risco de favorecer modelos atomísticos de interpretação, perdendo de vista o objetivo de alcançar as operações mentais operadas pelo sujeito e que permitiriam ao psicólogo alcançar o modo de funcionamento psíquico do paciente, objetivo principal de um processo psicodiagnóstico pautado na psicanálise (Souza, 2011). Como acrescentam Moura e Lopes (2017), a psicanálise, no decorrer do seu desenvolvimento, pôde contribuir significativamente para estabelecer os alicerces teóricos dos instrumentos projetivos. A

literatura aponta que os testes projetivos colaboram para que o psicólogo realize uma avaliação mais dinâmica e integrada do sujeito.

No Brasil, o psicodiagnóstico interventivo de orientação psicanalítica é relativamente recente, começando a ganhar força somente a partir do ano 2000. Esse tipo de psicodiagnóstico é inovador, em relação ao modelo tradicional, e permite ao profissional construir uma visão compreensiva do paciente, ao mesmo tempo que poderá ser um processo gerador de mudanças (Milani; Tomael; Greinert, 2014).

No campo da neuropsicologia, os testes projetivos vêm ganhando espaço. No intuito de desbravar essa temática, o objetivo deste estudo foi analisar a produção científica nacional que se utiliza do método psicanalítico no processo de avaliação neuropsicológica.

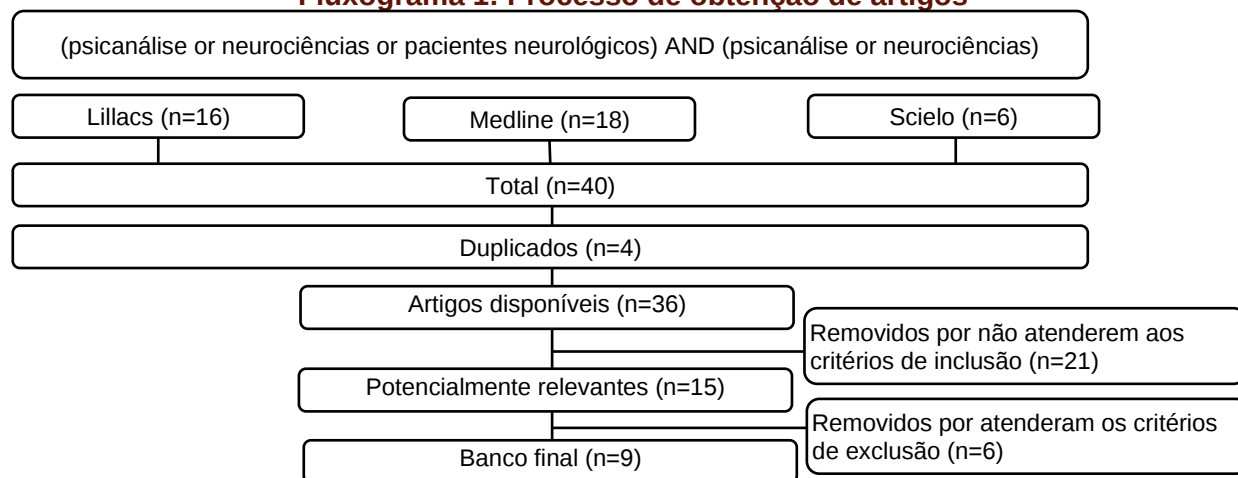
Metodologia

O presente estudo inspirou-se nas recomendações da *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses (PRISMA)*, que visam orientar a elaboração de revisões sistemáticas da literatura e meta-análises na área da saúde humana (Moher et al., 2009). O primeiro passo foi formular a questão da pesquisa, que consistiu em identificar a produção científica brasileira sobre avaliação e tratamento neuropsicológico por meio da abordagem psicanalítica.

No processo de construção dos descritores, foram realizados diversos testes, com diferentes descritores, a fim de encontrar um que contemplasse o maior número de estudos sobre o assunto. Depois de realizados os testes, foi utilizada a seguinte combinação: psicanálise *or* avaliação neuropsicológica *or* testes projetivos *and* psicanálise *or* neuropsicologia.

As buscas foram executadas de forma independente por dois juízes, nas bases de dados indexadas em Lillacs, Medline e Scielo, em outubro de 2019. Durante esse processo, foi delimitado o intervalo de 10 anos de publicação dos estudos, sendo este de 2008 a 2018. A seleção inicial resultou em 40 artigos, sendo 16 na Lillacs, 18 na Medline e 6 na Scielo, conforme indicado no fluxograma 1. Entre as bases, o número de textos duplicados somou 4.

Fluxograma 1: Processo de obtenção de artigos



Fonte: Dados da pesquisa.

Os 36 estudos foram analisados de acordo com os seguintes critérios de inclusão: estudos publicados em periódicos nacionais que abordam a discussão sobre a possível interface entre o método psicanalítico e as neurociências. Destes, um total de 21 artigos não atendeu aos critérios de inclusão. Os 15 artigos restantes foram analisados de acordo com os seguintes critérios de exclusão: a) teses e dissertações; b) resumos de eventos e capítulos de livros; destes, seis foram excluídos por se enquadrarem nesses critérios. Dados os critérios de inclusão e exclusão, nove artigos foram identificados como relevantes.

Os pesquisadores analisaram, de forma independente, os artigos relevantes e emitiram parecer sobre a inclusão na revisão. Depois do processo de seleção dos estudos e da definição daqueles que seriam incluídos na revisão, os pesquisadores fizeram a tabulação dos dados extraídos em uma planilha que incluía título e autores, revista, objetivo, métodos, principais resultados e conclusão do estudo. Essas informações foram tabeladas, buscando-se padrões que pudessem organizar os estudos.

Resultados

Os artigos selecionados estão apresentados no quadro 1, de acordo com título, autor, tipo de estudo, objetivos e principais resultados. Os nove estudos da amostra final estão distribuídos segundo o ano de publicação: duas publicações em 2015; duas em 2016; três em 2017 e duas em 2018. No que se refere ao tipo de estudo, todos se configuram como trabalhos de revisão teórica. Quanto ao periódico em que os estudos foram publicados: um na “Revista História, Ciências, Saúde-Manguinhos”, um na “Physis: Revista de Saúde Coletiva”, um na “Revista Psicologia da USP”, dois na “Revista Tempo Psicanalítico”, um na “Revista de Psicanálise da SPPA”, também apenas um na “Revista Subjetividades”, um na “Revista Estilos da Clínica” e um na “Revista Psicologia Revista”.

Quadro 1: Relação dos estudos incluídos na amostra final para análise

Título	Autor-ano	Tipo de estudo	Objetivo	Resultados
Psicanálise e neurociências: contornos difusos? Notas em torno da noção de plasticidade cerebral	Mantilla (2017)	Teórico	Refletir sobre as formas como novas ideias sobre o cérebro e a biologia favorecem uma aproximação entre a psicanálise e as neurociências.	Conceber o cérebro como um órgão plástico permite pensar uma interseção entre a psicanálise e as neurociências.
Subjetividade e afeto em Zizek e Johnston: controvérsias em torno da relação psicanálise-neurociências	Gama (2016)	Teórico	Discutir e contrapor as abordagens teóricas de Slavoj Zizek e Adrian Johnston, dois filósofos de orientação lacaniana que buscaram essa aproximação, mas chegaram a conclusões diversas no que tange ao significado e possibilidades teóricas dessa interlocução.	A interlocução psicanálise-neurociências, embora problemática, é indispensável se pretende-se enriquecer as descrições teóricas sobre a gênese da subjetividade

O après-coup e a reconsolidação da memória	Gerbasí e Costa (2015)	Teórico	Apresentar uma discussão compreendendo a ideia de que as recordações são suscetíveis a transformações e à concepção de après-coup	Há o delineamento de algumas ideias acerca da temporalidade em psicanálise e do mecanismo de reconsolidação da memória segundo as neurociências. Utilizando-se tais conceitos, evidenciou-se a viabilidade de se pensar uma interlocução entre a psicanálise e as neurociências
Neurose obsessiva ou TOC?	Lima e Rudge (2015)	Teórico	Discutir a contribuição da psicanálise à teoria da neurose obsessiva, em face do atual prestígio dos manuais classificatórios e do avanço das neurociências	A psicanálise tem muito a contribuir numa abordagem multidisciplinar da psicopatologia na medida em que sua posição teórica particular valoriza a fala e a história do sujeito, em sua singularidade
Inconsciente e consciência da memória: uma contribuição das neurociências	Imbasciati (2018)	Teórico	Integrando os dados da psicologia geral, da psicologia clínica perinatal, das neurociências e da psicanálise, o autor aborda as relações entre memória e consciência com o objetivo de oferecer uma definição unitária do conceito de inconsciente	O autor observa que, na atual cultura institucional psicanalítica e na cultura em geral, o inconsciente continua sendo considerado somente como o que foi descrito e teorizado por Freud, isto é, aquilo que aparece em alguma forma de consciência no analista e que ele traduz em uma verbalização, em um momento específico da sua relação com um paciente
Considerações sobre a repetição da linguagem no idoso com Alzheimer: uma perspectiva psicanalítica	Cardoso e Diniz Neto (2016)	Teórico	Articular o fenômeno da repetição, em uma perspectiva psicanalítica, ao discurso repetitivo característico dos pacientes com doença de Alzheimer (DA), considerando os correlatos neurocognitivos desse processo	Entende-se que o discurso repetitivo do idoso pode servir-lhe como uma tentativa de manutenção da identidade subjetiva ao longo do tempo. Impõe-se o desafio da sustentação de uma escuta que favoreça a preservação do sujeito demenciado nas funções socializante e libertadora da linguagem
Neurociências e psicanálise: dialogando sobre o autismo	Vilani e Port (2018)	Teórico	Compreender a etiologia do autismo a partir de um entendimento integrativo entre psicanálise e neurociências	Poderá ocorrer a potencialização ou o surgimento de traços autísticos no âmbito psíquico e, também, neurobiológico, dado que o desenvolvimento orgânico

				ocorre concomitantemente à subjetivação
Diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e sua história no discurso social: desdobramentos subjetivos e éticos	Lacet e Rosa (2017)	Teórico	A análise crítica do diagnóstico de TDAH, a partir do referencial teórico, ético e clínico da psicanálise, situando sua construção no discurso social, seus avanços e influências	A objetivação dos quadros psicopatológicos como proposta pelo DSM e pela CID-10 reduz a criança ao saber médico e à nomeação diagnóstica, excluindo sua singularidade e ocultando tanto o aspecto diacrônico de sua constituição subjetiva quanto a articulação do sujeito aos traços identificatórios de sua filiação
Psicanálise e neurociências: visões antagônicas ou compatíveis?	Pinheiro e Herzog (2017)	Teórico	Apresentar uma reflexão sobre qual o possível lugar da psicanálise diante dos avanços da biologia atual	o contexto cultural que faz com que explicações fisicalistas sejam privilegiadas; a dificuldade de se entender o fenômeno mental como sendo restrito à atividade cerebral; e os pressupostos técnicos e terapêuticos da psicanálise

Fonte: Dados da pesquisa.

O primeiro estudo é intitulado “Psicanálise e neurociências: contornos difusos? Notas em torno da noção de plasticidade cerebral”, de Maria Jimena Mantilla (2017). Neste artigo, a autora traz para o debate o embate que se perpetua entre os profissionais das ciências da saúde e psicológicas sobre as dicotomias psicanálise *versus* psiquiatria, inconsciente *versus* cérebro, ou seja, as oposições clássicas entre diferentes perspectivas sobre o ser humano e o sofrimento mental. Dessa maneira, a autora propõe uma reflexão sobre as formas como novas ideias sobre o cérebro e a biologia favorecem uma aproximação entre a psicanálise e as neurociências. Apoiado em autores como Nikolas Rose, Robert Castel, Michel Foucault, Alain Ehrenberg, entre outros, o estudo mostrou que essas questões são redefinidas a partir da noção de plasticidade cerebral, que coloca o cérebro em um espaço aberto à interação com o ambiente social e à influência terapêutica do dispositivo psicanalítico (Mantilla, 2017). Além disso, conceber o cérebro como um órgão plástico permite pensar em uma interseção entre a psicanálise e as neurociências.

O segundo artigo, que traz por título “Subjetividade e afeto em Zizek e Johnston: controvérsias em torno da relação psicanálise-neurociências”, de autoria de Jairo de Almeida Gama (2016), parte da ideia de que a compreensão dos processos de constituição do sujeito tem sofrido profundas mudanças nas últimas décadas. Para o autor, essas mudanças foram produzidas por descrições advindas de campos diversos, em especial da articulação das neurociências e da psicologia cognitiva, que buscam estabelecer os processos cerebrais como cruciais na formação da subjetividade. Diante disso, observa-se que

inúmeros autores do campo psicanalítico ampliaram seu escopo investigativo para estabelecer um diálogo intelectual produtivo entre a psicanálise e esses dois campos do saber (Gama, 2016). Diante disso, a proposta do estudo foi discutir e contrapor as abordagens teóricas de Slavoj Žizek e Adrian Johnston, dois filósofos de orientação lacaniana, que buscaram essa aproximação entre os campos psicanalítico e da neurociência, mas chegaram a conclusões diversas no que tange ao significado e possibilidades teóricas da interlocução entre a neurociência e a psicanálise. Os resultados dessa revisão mostraram que, para Žizek, a abordagem neurocientífica falha em não reconhecer a dimensão radicalmente negativa do sujeito da psicanálise, sujeito este que rompe radicalmente com sua prévia base biológica. Johnston, ao contrário, fazendo uma cuidadosa leitura dos aspectos emocionais da subjetividade, busca articular de forma crítica, mas produtiva, esses diferentes campos de investigação. Ainda de acordo com Gama (2016), a interlocução psicanálise-neurociência, embora problemática, é indispensável se pretende-se enriquecer as descrições teóricas sobre a gênese da subjetividade.

O terceiro estudo foi produzido por Grazielle Luiza Barizon Scopel Gerbasi e Paulo José da Costa (2015) e tem como título “O *après-coup* e a reconsolidação da memória”. O texto afirma que, em diferentes áreas do conhecimento, é reconhecido que a memória está sujeita a transformações ao longo do tempo. Sob essa perspectiva, apresenta uma discussão que busca compreender a ideia de que as recordações são suscetíveis a transformações e à concepção de *après-coup*. De acordo com Gerbasi e Costa (2015), há o delineamento de algumas ideias acerca da temporalidade em psicanálise e do mecanismo de reconsolidação da memória segundo as neurociências. A conclusão evidencia a viabilidade de se pensar em uma interlocução entre esses dois campos.

O estudo de número quatro, intitulado “Neurose obsessiva ou TOC?”, escrito pelos autores Juciano Menezes Lima e Ana Maria Rudge (2015), discute a contribuição da psicanálise à teoria da neurose obsessiva, em face do atual prestígio dos manuais classificatórios e do avanço das neurociências. Para esses autores, o esfacelamento da neurose obsessiva como unidade clínica e sua substituição pelo transtorno obsessivo compulsivo (TOC), em acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), é discutível. Por meio dos achados do estudo, após as observações de Lima e Rudge (2015) sobre a especificidade epistêmica das abordagens psicanalítica e da neurociência, concluiu-se que a psicanálise tem muito a contribuir para o tratamento neurológico, numa abordagem multidisciplinar da psicopatologia, na medida em que sua posição teórica particular valoriza a fala e a história do sujeito em sua singularidade.

Já o quinto artigo desta revisão, elaborado por Antonio Imbasciati (2018), que tem como título “Inconsciente e consciência da memória: uma contribuição das neurociências”, aborda as relações entre memória e consciência com o objetivo de oferecer uma definição unitária do conceito de inconsciente a partir da integração dos dados da psicologia geral, da psicologia clínica perinatal, das neurociências e da psicanálise. O autor destaca a base biológica da memória nas redes neurais ao afirmar que, em um único cérebro, podem ser consideradas como memória todas as funções que aquele cérebro aprendeu ao longo do seu desenvolvimento neuropsíquico relacional, a partir da época fetal; expõe conceitos a propósito dessa construção relacional do cérebro de cada indivíduo, destacando a maneira por meio da qual, a

partir da atividade biologicamente emocional do cérebro, a inteira funcionalidade de um *mindbrain* (mente-cérebro) pode ser construída (Imbasciati, 2018).

O sexto artigo, “Considerações sobre a repetição da linguagem no idoso com Alzheimer: uma perspectiva psicanalítica”, dos autores Sylvana Cardoso e Orestes Diniz Neto (2016), propôs articular o fenômeno da repetição, em uma perspectiva psicanalítica, ao discurso repetitivo característico dos pacientes com doença de Alzheimer (DA), considerando os correlatos neurocognitivos desse processo. Os resultados desse estudo, segundo Cardoso e Diniz Neto (2016), mostraram que o discurso repetitivo do idoso pode lhe servir como uma tentativa de manutenção da identidade subjetiva ao longo do tempo. Impõe-se o desafio da sustentação de uma escuta que favoreça a preservação do sujeito demenciado nas funções socializante e libertadora da linguagem.

O sétimo estudo desta revisão foi escrito por Marina da Rosa Vilani e Ilvo Fernando Port (2018). Com o título “Neurociências e psicanálise: dialogando sobre o autismo”, teve como objetivo compreender a etiologia do autismo a partir de um entendimento integrativo entre psicanálise e neurociências. De acordo com Vilani e Port (2018), apesar das divergências acerca da etiologia e tratamento entre as áreas, algumas investigações desenvolvidas concluem que, quando uma criança nasce com vulnerabilidades orgânicas, estas podem afetar o exercício das funções parentais. Assim, poderá ocorrer a potencialização ou o surgimento de traços autísticos no âmbito psíquico e, também, neurobiológico, dado que o desenvolvimento orgânico ocorre concomitantemente à subjetivação.

O oitavo artigo, intitulado “Diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e sua história no discurso social: desdobramentos subjetivos e éticos”, foi escrito por Cristine Lacet e Miriam Debieux Rosa (2017). O referido artigo objetivou fazer uma análise crítica do diagnóstico de TDAH, a partir do referencial teórico, ético e clínico da psicanálise, situando sua construção no discurso social, seus avanços e influências. De acordo com os achados desse estudo, o diagnóstico de TDAH apresenta um deslizamento diacrônico de nomenclatura associado às ordens político-econômicas e jurídicas (Lacet; Rosa, 2017). As autoras acrescentam, ainda, que a objetivação dos quadros psicopatológicos, como proposto pelo DSM e pela CID-10, reduz a criança ao saber médico e à nomeação diagnóstica, excluindo sua singularidade e ocultando o aspecto diacrônico de sua constituição.

O nono e último estudo desta revisão, elaborado por Elaine Pinheiro e Regina Herzog (2017), tem como título “Psicanálise e neurociências: visões antagônicas ou compatíveis?”. Nesse texto, Pinheiro e Herzog (2017) argumentam que a direção atual de ver as manifestações psíquicas como sendo principalmente manifestações biológicas provocou críticas à psicanálise. Ainda, acrescentam que o método psicanalítico é frequentemente visto como um tratamento de menor importância quando comparado a medicamentos e terapias comportamentais. Diante de tal concepção, os psicanalistas respondem apontando a necessidade de garantir um lugar para a singularidade de cada indivíduo, em vez de uma padronização coletiva de subjetividades (Pinheiro; Herzog, 2017).

De um modo geral, o conjunto de artigos analisados nesta revisão evidenciou a importância desta discussão para o avanço do tratamento neuropsicológico do indivíduo. Além disso, esses estudos apontam para a necessidade de uma visão de complementaridade entre as abordagens psicanalíticas e

as neurociências, e não antagônicas como estas têm sido vistas por determinados pensadores. Por outro lado, foi possível observar que esse é um caminho longo a ser percorrido. Como mostram os textos identificados nesta revisão, nenhum foi publicado em revista específica do campo das neurociências. O que parece é que existe um esforço maior da psicanálise nessa aproximação. Como se pode observar, a tentativa de estreitar essa interface tem levado profissionais de abordagens psicanalíticas a buscarem novas nomenclaturas e suporte teórico nesse campo. Nessa perspectiva, como observam Davidovich e Winograd (2010), é que nesse embate parece existir uma hierarquização de modelos epistemológicos em que é conferido às neurociências um lugar de privilégio em relação à psicanálise.

Por outro lado, Milani, Tomael e Greinert (2014) constataram, por meio de uma revisão integrativa da literatura, que é possível, durante o processo avaliativo em neurociências, a ocorrência de associações livres, com apontamentos e interpretações que promovem a melhora dos sintomas apresentados pelos pacientes. Os referidos autores, ainda, consideram as técnicas projetivas como ferramentas que também auxiliam na ocorrência de associações livres. Ou seja, as técnicas projetivas levam o paciente a se defrontar com suas fantasias e ter a possibilidade de, intuitivamente, obter uma melhor compreensão de si mesmo. Em consonância com o que foi postulado, Souza (2011) afirma que o conhecimento clínico e teórico da psicanálise pode contribuir para o ensino de técnicas de avaliação da personalidade a partir de desenhos.

Dessa forma, utiliza-se as palavras de Lyra (2007), quando este afirma que a psicanálise demonstra a importância de um diálogo permanente com a neurociência, pois ambas tratam basicamente das mesmas questões colocadas por Freud há pouco mais de cem anos.

Considerações finais

Este estudo teve como objetivo fazer um levantamento das produções científicas nacionais sobre as possibilidades de diálogo entre o método psicanalítico e as neurociências. Para tanto, foram consultadas importantes bases de dados em que estão publicados os principais estudos de ambos os campos de investigação.

Com base nos achados da presente revisão, foi possível identificar que a interface entre a psicanálise e a neurociência tem sido campo de estudo de muitos pesquisadores. Apesar das divergências entre os dois campos, muitos estudos têm comprovado a possibilidade de diálogo entre essas ciências.

Embora esses resultados tenham respondido aos objetivos deste estudo, algumas limitações representam lacunas que devem ser mencionadas. A primeira refere-se ao fato de que os estudos examinados são apenas nacionais, pois se acredita que em outros países essa discussão também está sendo realizada por pesquisadores de interesse no tema. Outra limitação foi a consulta em apenas três bancos de dados, mesmo sendo estes os mais importantes. A ausência de estudos empíricos também se configura como uma limitação do estudo, visto que resultados de práticas clínicas que utilizam essa interface dariam maior visibilidade a ele.

Por fim, sugerem-se novos estudos sobre o tema, o qual não se esgota aqui; pelo contrário, busca-se instigar novos interessados a desenvolver pesquisas sobre a temática, de preferência como mencionado anteriormente: que sejam estudos de campo.

Mais estudos serão necessários para avaliar o quanto os fatores facilitadores e as barreiras da implementação influenciam na sustentabilidade das intervenções ao longo do tempo; que estratégias podem superar as dificuldades observadas; que componentes do modelo são indispensáveis e se diferentes modelos de implementação são úteis para diferentes tipos de organizações.

Por último, espera-se que a aproximação entre psicanálise e neurociência resulte em um entendimento e no tratamento das patologias de origem psíquica e/ou neurológica.

Referências

- CARDOSO, Sylvana; NETO, Orestes Diniz. Considerações sobre a repetição no idoso com Alzheimer: uma perspectiva psicanalítica. *Revista Subjetividades*, v. 16, n. 3, p. 58-69, 2016.
- DAVIDOVICH, Marcia Moraes; WINOGRAD, Monah. Psicanálise e neurociências: um mapa dos debates. *Psicologia em Estudo*, v. 15, n. 4, p. 801-809, 2010.
- FAVERET, Bianca Maria Sanches. Neurociências e psicanálise: há possibilidade de articulação? *Psicologia Clínica*, v. 18, n. 1, p. 15-26, 2006.
- FONSÊCA, Ana Lucia Barreto da; MARIANO, Maria do Socorro Sales. Desvendando o mecanismo da projeção. *Psicologia em foco*, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2008.
- FORMIGA, Nilton Soares; MELLO, Ivana. Testes psicológicos e técnicas projetivas: uma integração para um desenvolvimento da interação interpretativa indivíduo-psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 20, n. 2, p. 12-19, 2000.
- FRANK, Lawrence. Métodos projetivos para o estudo da personalidade. *The Journal of Psychology*, v. 8, n. 2, p. 389-413, 1939.
- GAMA, Jairo de Almeida. Subjetividade e afeto em Zizek e Johnston: controvérsias em torno da relação psicanálise-neurociências. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 26, p. 137-156, 2016.
- GERBASI, Grazielle Luiza Barizon Scopel; COSTA, Paulo José da. The après-coup and reconsolidation of memory. *Psicologia USP*, v. 26, n. 1, p. 80-89, 2015.
- IMBASCIATI, Antonio. Inconsciente e consciência da memória: uma contribuição das neurociências. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 25, n. 2, p. 355-377, 2018.
- KAPLAN-SOLMS, Karen; SOLMS, Mark. *Estudos clínicos em neuropsicanálise*. São Paulo: Lemos Editorial, 2005.
- LACET, Cristine; ROSA, Miriam Debieux. Diagnóstico de transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) e sua história no discurso social: desdobramentos subjetivos e éticos. *Psicologia Revista*, v. 26, n. 2, p. 231-253, 2017.
- LIMA, Juciano Menezes; RUDGE, Ana Maria. Neurose obsessiva ou TOC? *Tempo Psicanalítico*, v. 47, n. 2, p. 171-187, 2015.
- LYRA, Carlos Eduardo de Sousa. O inconsciente e a consciência: da psicanálise à neurociência. *Psicologia USP*, v. 18, n. 3, p. 55-73, 2007.
- MANTILLA, Maria Jimena. Psicanálise e neurociências: contornos difusos? Notas em torno da noção de plasticidade cerebral. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 24, n. 1, p. 143-155, 2017.
- MILANI, Rute Grossi; TOMAEL, Mercês Maria; GREINERT, Bruna Rafaela Milhorini. Psicodiagnóstico interventivo psicanalítico. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, v. 5, n. 1, p. 80-95, 2014.
- MOHER, David et al. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *Plos Medicine*, v. 6, n. 7, p. 123-130, 2009.
- MOURA, Gabriela Costa; LOPES, Adriano Alves. O uso de instrumentos projetivos no processo de avaliação psicológica. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-ALAGOAS*, v. 4, n. 2, p. 53, 2018.

PINHEIRO, Elaine; HERZOG, Regina. Psicanálise e neurociências: visões antagônicas ou compatíveis? *Tempo Psicanalítico*, v. 49, n. 1, p. 37-61, 2017.

PINTO, Elza Rocha. Conceitos fundamentais dos métodos projetivos. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 17, n. 1, p. 135-153, 2014.

SOUZA, Audrey Setton Lopes de. O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise. *Boletim de Psicologia*, v. 61, n. 135, p. 207-215, 2011.

TOREZAN, Zeila Facci; AGUIAR, Fernando. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Revista Subjetividades*, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2016.

VILANI, Marina da Rosa; PORT, Ilvo Fernando. Neurociências e psicanálise: dialogando sobre o autismo. *Estilos da Clínica*, v. 23, n. 1, p. 130-151, 2018.

WINOGRAD, Monah; SOLLERO-DE-CAMPOS, Flávia; DRUMMOND, Claudia. O atendimento psicanalítico com pacientes neurológicos. *Revista Subjetividades*, v. 8, n. 1, p. 139-170, 2008.



Disponível em:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=589282055013>

Como citar este artigo

Número completo

Mais informações do artigo

Site da revista em redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe,
Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no
âmbito da iniciativa acesso aberto

Joana D'arc Santana Caus, Eraldo Carlos Batista

**Interface entre psicanálise e neurociência: uma revisão
sistemática da literatura brasileira**

**The interface between psychoanalysis and neuroscience:
a systematic review of Brazilian literature**

**Interfaz entre psicoanálisis y neurociencia: una revisión
sistemática de la literatura brasileña**

Revista NUPEM (Online)

vol. 13, núm. 28, p. 213 - 227, 2021

Universidade Estadual do Paraná,

ISSN-E: 2176-7912

DOI: <https://doi.org/10.33871/nupem.2021.13.28.213-227>